

## Evitar horizontes luminosos

Uriel Bezerra

Sentar diante do intenso raio de luz que atravessa nossos olhos na instalação VER, de Marília Furman, além de causar desconforto, acaba nos impedindo de perceber nitidamente a câmera que projeta nossas expressões cegas e iluminadas na parede à frente. Instaure-se um jogo cênico baseado no desencontro entre ver e ser visto, ver e estar em exposição. O projeto, executado pela primeira vez no ano de 2015, adquire maior densidade no presente.

Uma vez invertida a convenção expositiva, na qual o público é tradicionalmente convidado a *ver*, somos lançados a uma provocação sobre o uso das tecnologias da visão – portanto da vigilância – desde as mais antigas até as virtuais, entre e dentro das esferas pública e privada. Lembremos das ilustrações do interior das casas de inspeção do século XVIII, arquitetadas nas cartas de Jeremy Bentham.

Em uma aproximação maior com o presente, é desafiador não associar nossa imersão a uma atmosfera de eventos, tal como as câmeras instaladas sob holofotes nas vias públicas do carnaval de Salvador para realizar o reconhecimento facial dos passantes, ou aos protestos que desde março acontecem em Hong Kong, cujo embate entre lasers, câmeras, bombas e holofotes desestabiliza por alguns instantes os mecanismos de captura dos corpos.

Podemos ampliar essa experiência ao comparar a “iluminação cega” causada pelo feixe de luz ofuscante à figura maior da tradição judaico-cristã. O apocalipse nos expõe a um cenário de destruição, julgamento e revelação radical onde todos os outros tempos possíveis são eclipsados. Para Jacques Derrida, “toda escatologia apocalíptica”, escreve, “é prometida em nome da luz, do vidente, e da visão, e de uma luz da luz, de uma luz mais luminosa do que todas as outras luzes que ela torna possível”<sup>1</sup>. Tal horizonte messiânico coloca os povos sob constante vigília diante da eterna aproximação do juízo final, a qual aparece principalmente no discurso de tiranos quando o progresso precisa produzir mais ruínas, assim como agora.

Após o inquietante VER, talvez uma recomendação poética seja oportuna para os próximos dias: embora uma tarefa nada modesta, evitemos os horizontes luminosos. Em contrapartida, procuremos faíscas, lampejos, múltiplos pontos de luz menores que confundem e desafiam os inesgotáveis estratagemas apocalípticos, finalmente enxergando as imagens e outros futuros possíveis.

---

<sup>1</sup> DERRIDA, Jacques. *D'un ton apocalyptique adopté naguère em philosophie*. Paris: Galilé, 1983. p.63.